

*"Jenkins é uma lenda viva."* — JULIA QUINN

# BEVERLY JENKINS



# BRISA REBELDE

*Mulheres Pioneiras* • 3



# PRÓLOGO

*São Francisco, maio de 1878*

O joalheiro de São Francisco Oswald Gant olhou ao redor da loja para confirmar que tudo estava pronto para a chegada iminente da princesa e sua comitiva. Ele nunca havia se encontrado com alguém da realeza, e a expectativa o deixava eufórico e um tanto nervoso. Dois membros da guarda militar da princesa tinham aparecido naquela manhã para fazer os arranjos para as compras. Eles lhe informaram que, para garantir a segurança da princesa, não seria permitida a entrada de ninguém na loja durante a transação.

Com isso em mente, uma hora antes Oswald educadamente guiara os últimos clientes até a saída. Desde então, certificara-se de que nenhuma marca de dedo estivesse maculando os vidros reluzentes das vitrines e varrera o chão para se livrar de qualquer sujeira que os clientes do dia poderiam ter trazido. Também havia abaixado as cortinas da janela para inibir o olhar de curiosos passando pela calçada e colocado a placa onde se lia FECHADO na porta da frente. Não queria que ninguém entrasse e arruinasse tudo. Pegou o lenço, limpou o suor brilhando nas entradas do cabelo e respirou fundo. Não ficou mais calmo depois de ajustar a gravata e os punhos do terno, mas estava pronto.

O sino da porta tocou, e os dois guardas que ele tinha conhecido naquela manhã entraram primeiro, magníficos em seus uniformes militares azuis. Eles o cumprimentaram com um aceno e tomaram posição à porta antes de anunciar:

– Sua Alteza Real, princesa Nya de Kasia.

Ela entrou numa névoa suave de perfume com o rosto encoberto por um véu fino. A cor do véu e a do vestido e da capa suntuosos que trajava rivalizavam com o brilho das safiras mais caras de que ele dispunha. Os olhos delineados que o avaliavam por trás do véu eram escuros e misteriosos, e a pele abaixo das sobrancelhas arqueadas reluzia no mesmo tom do vestido. A pele da princesa era marrom, e isso o desconcertou. Os acompanhantes – um homem loiro de olhos azuis, o outro de cabelos e olhos pretos – eram

brancos. Ela era uma mulher preta? No fim das contas, ele ficou tão maravilhado com sua presença e com o grande lucro que pretendia ter com o superfaturamento que decidiu que a cor da pele não tinha importância.

A princesa falou com o homem loiro em um idioma que Oswald não compreendeu.

– A princesa não fala o inglês desta parte do mundo – explicou o homem, –, mas lhe agradece por recebê-la.

– Diga que estou honrado. – Radiante, ele conduziu a comitiva até a pequena mesa com cadeiras que tinha posto ao lado do expositor. – Sente-se, por gentileza, Vossa Alteza. Vou buscar as peças que me pediram que separasse.

O guarda traduziu o pedido e, num farfalhar de seda azul-safira, a princesa atravessou o cômodo. Os acompanhantes se posicionaram ao lado dela, e Oswald se apressou até o armário. Voltou com uma sacola de veludo preta. Enquanto a princesa permanecia sentada em silêncio, com sua bolsa adornada de pedras preciosas no colo, ele espalhou o conteúdo da sacola cuidadosamente numa bandeja à frente dela: três rubis, dois diamantes, duas esmeraldas e uma pérola branca perfeita.

A princesa aprovou com um aceno de cabeça e, enquanto o homem de olhos pretos contava o dinheiro, colocou as pedras de volta na sacola e dentro da própria bolsa.

Oswald olhou as moedas, confuso.

– Que tipo de dinheiro é esse?

– Francês.

– São Francisco não fica na França. Estamos nos Estados Unidos. Só aceito dinheiro local.

– Francos são valorizados no mundo todo, Sr. Gant – retrucou o homem calmamente.

– Dinheiro local ou nada feito.

O guarda suspirou e se virou para a princesa, que estava com uma expressão interrogativa. Quando ele explicou a situação, ela explodiu em uma ira verbal. Como Oswald, vermelho e de lábios cerrados, não cedeu e se manteve em silêncio, ela retirou a sacola com as joias da bolsa e, levantando-se, jogou-a para ele. Depois, apressou-se até a porta. Oswald avaliou o peso da sacola nas mãos para se certificar de que não estava vazia e, antes que pudesse perguntar se voltariam, a princesa sumiu da loja. Os acompa-

nhantes rapidamente garantiram que voltariam na manhã seguinte com dinheiro local e, em seguida, correram para alcançar a princesa furiosa.

Mais tarde, depois de se recompor, Oswald estava pronto para encerrar o expediente e ir para casa, mas, antes, abriu a sacola de veludo com a intenção de colocar as pedras de volta no armário. Seus olhos se arregalaram e sua respiração parou quando despejou o conteúdo e viu oito seixos de tamanho e forma idênticos aos das pedras que deveriam estar ali dentro. Com o coração acelerado, ele quase desmaiou. Quando se recuperou, correu para a delegacia mais próxima.

Porém, àquela altura, o guarda loiro, Renay Deveraux, que naquele momento usava um terno marrom tradicional, estava em um trem a caminho da cidade de Nova York com os diamantes. Seu primo Emile, com roupa similar, carregando uma esmeralda e a pérola em segurança dentro da mala, estava a bordo de um barco a vapor rumo à Cidade do México. A exausta Raven Moreau, depois de trocar a vestimenta de princesa por roupas mais simples, não se importou com o fato de pegar um trem segregado pelas leis Jim Crow para voltar à sua terra natal, Nova Orleans. O golpe tinha sido bem-sucedido. Ela ganhara sua parte do saque e estava contente por saber que Oswald Gant, membro de um grupo de empresários californianos conhecido por sequestrar meninas da China e as vender para bordéis em toda a costa, estava, naquele momento, mais pobre do que quando acordara.

# CAPÍTULO 1

*Boston, junho de 1878*

**B**raxton Steele desceu do bonde na parada mais próxima à casa do pai, Harrison, em Boston, e percorreu o restante do caminho a pé. Eles jantavam juntos uma vez por semana e sempre gostaram da companhia um do outro. Harrison Steele era um pintor e ilustrador bastante conhecido. Somando o trabalho que fazia para alguns jornais locais e os retratos pagos pela elite de Boston, tanto a preta quanto a branca, ele faturava o suficiente para ter uma vida bem confortável. Já Brax não herdara o talento artístico do pai. Ganhava a vida como alfaiate e gerenciava o patrimônio que os avós tinham lhe deixado.

Era uma noite agradável de primavera e, quando Brax chegou, Harrison estava sentado do lado de fora, no topo dos degraus de entrada da pequena casa.

– Oi, filho.

– Como vai o senhor, pai?

– Bem para um homem velho. Vamos, entre.

O pai também era um cozinheiro aceitável, e eles se sentaram para jantar um frango assado com legumes. Porém, o Harrison extrovertido de sempre parecia retraído, e isso fez Brax hesitar.

– Está com algum problema?

O pai deu de ombros.

– Talvez sim, talvez não – respondeu baixinho.

– E isso quer dizer o quê?

– Que quando se tem um passado, às vezes ele volta para nos assombrar de maneiras que não tínhamos cogitado.

– Que resposta precisa.

Isso lhe rendeu um sorriso triste. Brax aguardou mais pistas do significado de tudo aquilo.

– Antes de eu me casar com sua mãe, me apaixonei por uma mulher chamada Hazel Moreau. Naquela época, eu era falsificador de obras de arte, e a família dela era um dos melhores grupos golpistas que operavam no Sul.

Brax parou o garfo a caminho da boca.

– Falsificador de obras de arte?

– Sim. E eu era muito bom.

Brax abaixou o garfo e limpou a boca com o guardanapo.

– Por que estou com a impressão de que vou precisar de uma bebida para essa conversa?

Os olhos do pai brilharam.

– Você sabe onde fica o uísque. Me sirva uma dose também, por favor.

Brax voltou para a mesa com dois copos e um decantador.

– Caso eu precise de mais apoio – explicou, apontando para o decantador.

O pai assentiu e, depois de tomar um gole, perguntou:

– Onde eu estava mesmo?

– Hazel Moreau e a falsificação de obras de arte.

– Isso. – Ele ficou em silêncio por um momento olhando o nada como se lembranças do passado tivessem retornado. – Ela era a mulher mais bonita que eu já tinha visto. Ardente, inteligente, ambiciosa. Os tios e os irmãos dela eram atores, vigaristas, falsificadores, e ela, as irmãs e as primas cresceram nessa vida.

– Como a conheceu?

– Numa casa de apostas em Nova Orleans. Eu estava trabalhando para a família como falsificador. Ela era garçonete e atriz.

A história tinha atiçado a curiosidade de Brax.

– Por que eu nunca soube disso?

– Porque deixei tudo para trás depois que me casei com sua mãe, ou quase tudo, pelo menos.

– Quase tudo?

– Fiz uns bicos aqui e ali por algum tempo, mas parei completamente depois que você nasceu.

Brax pensou no próprio passado.

– Então todos os anos que passei armando confusão e aprontando todas foi porque isso está no meu sangue?

O pai limitou-se a sorrir.

Brax respondeu com outro sorriso.

– Vou entender isso como um sim. Continue com a história. O que aconteceu com Hazel?

– Nós nos apaixonamos, mas ela estava tentando seduzir um *creole* rico

do Mississippi porque ele podia assegurar o futuro dela de uma forma que eu não podia. Ela estava se passando por uma mulher de uma família também rica e provavelmente teria se casado com ele se eu não tivesse me levantado durante a cerimônia e revelado sua verdadeira identidade.

– O quê?!

– Eu me recusava a deixá-la se casar com outro. O caos se instaurou depois disso, é óbvio. Discussões. Gritaria. A mãe dele desmaiou. O noivo e a família exigiram a verdade. Ela negou tudo no começo, mas, quando a confusão aumentou e os convidados começaram a brigar, enfim confessou sua identidade verdadeira e saiu correndo da igreja. Eu fui atrás dela. Do lado de fora, Hazel me disse que eu tinha arruinado sua vida e a vida dos filhos que ela poderia ter. Ameaçou me matar se me visse de novo, e foi isso. Os irmãos e os tios dela também não ficaram nada felizes comigo. Prometeram a mesma coisa se alguma vez eu aparecesse de novo em Nova Orleans. Então me mudei para Boston e nunca voltei.

– Nossa, que história.

– Tudo verdade. – Ele olhou o nada por alguns minutos. – Uma moça da agência Pinkerton veio me procurar na semana passada.

– Da Pinkerton? O que ela queria?

– Saber se eu conhecia alguma pessoa preta capaz de armar um golpe grande e bem planejado.

– Por que ela viria até o senhor?

– Ela disse que pegou meu nome com um dos meus colegas de antigamente, mas não revelou qual.

– E o que o senhor respondeu?

– Que não conhecia ninguém com essa habilidade. Ela se recusou a acreditar. Ameaçou me mandar para a prisão sob acusações falsas se eu não lhe desse um nome. Então falei o único em que pude pensar: Hazel Moreau.

– E?

– Ela veio me procurar de novo hoje de manhã. Parece que Hazel ainda está nessa vida e tem uma filha chamada Raven. Parece também que alguém roubou uma das cópias originais da Declaração de Independência.

– Foi Hazel?

– Não, mas os Pinkertons suspeitam de uma pessoa. Querem que você e essa tal Raven finjam ser casados para achá-la.

Brax encarou o pai como se ele não estivesse falando coisa com coisa.

- Não vou me envolver nisso.
  - Você não tem escolha.
  - Tenho, sim, e me recuso.
  - Então nós dois vamos para a prisão.
  - Eu não fiz nada.
  - Eles não se importam. Vão inventar algo, e em quem você acha que o juiz vai acreditar? Em dois homens pretos ou numa agente da Pinkerton?
- Brax observou o rosto triste do pai e abaixou a cabeça.
- Droga.
  - Pois é. Sirva outro copo para você e me passe o decantador. Temos muito o que planejar.
  - Por exemplo?
  - A viagem de trem com a agente da Pinkerton daqui a dois dias para nos encontrarmos com as Moreaux em Nova Orleans.
- Incrédulo, Brax lhe passou o decantador.



Raven pendurou os lençóis lavados nos varais amarrados nas nogueiras dos fundos da casa da patroa e limpou o suor da testa. Quando não estava fingindo ser princesa ou algum outro personagem, ganhava a vida como empregada doméstica e odiava tudo relacionado ao dia de lavar roupa: sentir a barrela arder nas mãos, carregar cestas de roupas molhadas pelo quintal, pregá-las no varal para secarem. Essas tarefas começavam ao amanhecer; no momento, no meio da tarde, ela estava morrendo de cansaço.

Sua patroa, uma mulher *creole* mais velha chamada Antoinette Pollard, apareceu na sacada do segundo andar e falou:

- Não fique enrolando aí, Raven. O senhor logo vai chegar em casa e vai querer jantar. Você precisa começar a fazer a comida para ele não ter que esperar.

Satisfeita com a distância entre elas, longe o suficiente para que a mulher não visse o desprezo em seus olhos, Raven respondeu:

- Sim, senhora.

A Sra. Pollard voltou para dentro. Raven suspirou e pegou a cesta vazia. Embora golpes elaborados como o de São Francisco sustentassem bem sua família enorme, eles só podiam ser feitos de vez em quando, a fim de evitar o escrutínio das autoridades. Nos intervalos, ela, os primos Renay e Emile

e os outros trabalhavam com qualquer coisa que conseguissem em Nova Orleans para colocar comida na mesa e pagar as contas.

– Oi, Raven.

Ao ver Dorcas ao seu lado, Raven sorriu pela primeira vez naquele dia. Dorcas, uma órfã de 8 anos incorporada à família no seu segundo dia de vida, costumava aparecer do nada, mas sua presença na casa dos Pollards deixou Raven intrigada.

– Por que não está na escola, Dorrie?

– A madre superiora me mandou para casa. Disse que não posso ir mais.

– Por que não?

– Eu disse à irmã Mary Mathew que o bebê que ela está esperando é menino e ela desmaiou.

Raven escondeu o sorriso. Se fosse uma freira e uma menina de 8 anos revelasse sua gravidez sem dúvida proibida, também desmaiaria. Dorrie possuía o que os mais velhos chamavam de vidência. Ela via coisas e também sabia delas de modos misteriosos e inexplicáveis.

– Mamãe Hazel sabe disso?

– Sabe. Ela vai conversar com a madre, mas me mandou aqui para buscar a senhorita.

– Há algo errado? Mamãe está doente?

– Não. Ela está com visitas.

Raven olhou para a casa dos Pollards.

– Preciso fazer o jantar para os Pollards, senão vou ficar sem trabalho.

– Ela disse “Venha agora. Você tem um novo trabalho”.

Isso atiçou a curiosidade de Raven. Ela realmente não gostava de trabalhar para os Pollards. Eles eram grosseiros, avarentos e impossíveis de agradar. Ter que aguentar a patroa reclamando de tudo, desde o modo como a roupa era pendurada até o modo como a casa era varrida, a fazia querer pedir as contas quase todo dia. Ir embora sem aviso naquele momento significaria não ter recomendações para um trabalho futuro, mas se a mãe precisava dela, Raven se preocuparia com recomendações depois. A família sempre vinha em primeiro lugar.

Bem na hora, a Sra. Pollard reapareceu.

– Raven, sabe que visitas não são permitidas aqui!

– Eu sei, mas minha mãe está precisando de mim em casa. Não vou voltar.

– O quê?!

Raven largou a cesta na grama e agarrou a mãozinha marrom de Dorrie. O ar ficou carregado com os gritos da Sra. Pollard a chamando, mas Raven continuou andando a curta distância até a casa da mãe.



A habilidade de analisar rapidamente uma situação era algo que Raven aprendera bem cedo. Então, quando entrou na sala de visitas, observou os três estranhos. Dois homens pretos com a barba rente estavam em pé perto da lareira. Embora os cabelos grisalhos revelassem que um deles era mais velho, os dois eram suficientemente parecidos para ela concluir que eram parentes. O rosto de ambos estava impassível e com o maxilar contraído, como se eles estivessem com raiva de algo ou alguém. A terceira pessoa, sentada em uma das poltronas, era uma mulher branca rechonchuda de meia-idade com cabelos castanho-cinzentos e olhos duros que analisaram a chegada de Raven com uma frieza distante. A mãe de Raven, Hazel, estava sentada sozinha no sofá e, apesar de seu rosto não entregar nada, o brilho silencioso e furioso nos olhos verdes, somado ao rosto duro dos homens, alertou Raven de que procedesse com cuidado.

– Obrigada por ter vindo tão rápido, Raven – disse sua mãe. – Dorrie, pode subir e fazer companhia à tia Havana?

– Sim, senhora. – Mas, antes de sair, ela parou diante da mulher e falou:

– A senhora só vai ficar enjoada no navio por alguns dias, depois vai se sentir melhor.

A mulher ficou rígida e se virou para Hazel, querendo uma explicação.

– Ela confundiu a senhora com uma mulher da escola. Não é nada. Vá, Dorrie.

Raven sabia que a explicação era mentira e, enquanto Dorrie saía do aposento, imaginou o que a previsão significava. Porém, antes que pudesse especular mais, Hazel a apresentou aos estranhos.

– Raven, esses dois senhores são os Steeles. Harrison e seu filho, Braxton.

As faíscas nos olhos da mãe se direcionavam no momento ao mais velho, adicionando uma camada extra ao mistério.

– Prazer em conhecê-los – disse Raven.

– Igualmente – replicou o mais velho.

O filho dele, alto e vestido com um terno bem-cortado, era bonito como

um dos primos elegantes de Raven. O bigode que delineava os lábios se unia agradavelmente à barba rente e acentuava sua boa aparência. Parecia não ser muito mais velho do que ela. Seus olhos pretos e avaliadores eram hostis e frios. Ele fez um aceno rígido.

– E esta é a Srta. Ruth Welch, detetive da agência Pinkerton.

Raven não demonstrou reação à surpresa bombástica.

– Prazer em conhecê-la também, Srta. Welch.

– Igualmente.

– A Srta. Welch quer nossa ajuda em uma situação que não ousamos recusar, senão iremos para a prisão – disse Hazel.

Raven se enrijeceu.

Welch olhou, furiosa, para Hazel.

– Ficou zangada? – perguntou Hazel. – Era para ser segredo? Não foi com isso que nos ameaçou? Não adianta tapar o sol com a peneira. Concorda, Harrison?

– Com certeza, amor.

*Amor?* Raven observou os dois. Outra surpresa.

– Não sou seu amor – rebateu Hazel.

– Foi um dia, e eu fui o seu.

Hazel soltou um rosnado como aviso.

– Harrison.

Raven achou o diálogo fascinante. Não se lembrava de a mãe alguma vez ter mencionado um homem chamado Steele. Ela olhou de relance para o sujeito mais novo, como se ele de algum jeito tivesse uma pista para o passado misterioso dos dois, mas avistou apenas os mesmos olhos escuros hostis.

Welch retomou o assunto de antes.

– Está na hora de começar, não acham?

Enraivecida, Hazel se ajeitou e cruzou os braços.

Harrison olhou para a detetive com desprezo.

Raven entrou na sala e se posicionou do outro lado da lareira. Sua saia e sua blusa ainda estavam úmidas por causa da lavagem de roupas nos Pollards e ela precisava trocá-las por peças secas, mas queria entender tudo aquilo primeiro. Nunca alguém da Pinkerton tinha ido à sua casa.

– Vocês, Moreaux, são uma família muito interessante – começou Welch.

– Trapaceiros. Falsificadores. Apostadores. Golpistas. Impostores. É só escolher e terá um Moreau que se encaixe na descrição. Há anos minha agência

recebe relatórios sobre alguns dos roubos mais bem planejados e elaborados que já vimos. Os criminosos em questão nunca deixam nenhuma evidência, mas há um padrão em todos os casos: o envolvimento de pessoas pretas. Muitos agentes nossos não davam importância a esse dado porque se recusavam a acreditar que pessoas dessa cor pudessem ser tão inteligentes assim. Afirmavam que era impossível não haver uma pessoa branca à frente do grupo. Mas, durante a guerra, trabalhei com a Srta. Tubman e ela era a mulher mais inteligente, esperta e engenhosa que já conheci, então eu quis investigar os crimes por esse ângulo. Mas devo admitir que se o Sr. Steele não tivesse me dado seu nome, a agência ainda estaria andando em círculos.

Hazel se virou para Harrison.

– Você traiu minha família de novo? – vociferou ela.

– Tive que dar um nome, Hazel. Ela ameaçou nossa liberdade. Eu esperava que você não estivesse mais no ramo ou não morasse em Nova Orleans.

Ela pareceu insensível ao tom arrependido dele. Os olhos furiosos do filho estavam direcionados a Welch.

Raven se perguntou qual tipo de cooperação a detetive estava procurando. Ameaçar a liberdade das pessoas era um jeito nada agradável de começar uma parceria.

Welch retirou um maço de papéis da mala preta de couro.

– Depois de conversar com o Sr. Steele, falei com a polícia daqui de Nova Orleans e de alguns outros lugares e descobri que dez anos atrás a Srta. Moreau foi mandada para a prisão em Detroit por posse de dinheiro falsificado.

Como Raven não reagiu, ela continuou:

– Então, com isso em mente e depois de revisitar casos antigos, concluí que a fonte dos crimes só podia ser a família Moreau. – Ela abaixou o olhar para suas anotações. – Houve um incidente na Filadélfia com um homem preto disfarçado de padre que desapareceu com um caríssimo broche incrustado de pedras preciosas. Também temos o relato de uma jovem cantora preta que alegava ser uma rainha na África e prometeu noites de prazer a homens de Nova York, Miami e Denver, só para desaparecer com o dinheiro deles. – Ela direcionou os olhos frios para Raven. – Presumo que tenha sido a senhorita, e que também tenha fingido ser a princesa que recentemente deu um golpe num joalheiro de São Francisco.

Raven enfrentou sem nenhuma dificuldade o olhar acusador e deixou a detetive pensar o que quisesse. Na verdade, o padre tinha sido seu primo Re-

nay, e a cantora, sua prima Lacie. Como todos os Moreaux, Raven sabia que era melhor não confessar nenhuma ilegalidade, sendo verdadeira ou falsa.

– Por que a senhorita precisa da ajuda forçada de pessoas que considera tão inferiores?

– Para recuperar uma cópia roubada da Declaração de Independência.

– Roubada por quem?

– Um senador em Charleston, na Carolina do Sul.

Welch enfiou a mão na mala de novo e retirou um pergaminho enrolado. Raven notou como o pergaminho era frágil quando Welch o colocou na mesinha ao lado e o desenrolou com cuidado.

– Esta é a cópia da Declaração da Independência que a maioria dos norte-americanos conhece.

Raven se aproximou para examinar o documento. Os Steeles se moveram para olhar mais de perto também.

– Observem como nesta versão as assinaturas no fim estão organizadas por estados. Na que foi roubada, os estados não estão listados, e as assinaturas foram feitas de forma aleatória, o que torna as duas cópias raras e valiosas.

Por ser de uma família de trapaceiros, Raven considerou a possibilidade de falsificar uma cópia depois de encontrá-la e guardar a versão verdadeira para vender posteriormente. Será que Welch conseguiria diferenciá-las? Raven discutiria o assunto com a mãe mais tarde.

– E como pretendem recuperá-la?

– Mandando a senhorita para a casa do senador – disse Welch.

– Sozinha?

– Não. O jovem Sr. Steele vai junto. Ele fingirá ser seu marido.

O queixo de Raven caiu, e seus olhos espantados se viraram para Braxton. Os dele estavam furiosos, mas carregavam um toque de diversão também.

– A senhorita vai ser a governanta. Ele será o camareiro e motorista.

– O senhor já fez algo parecido com isso? – questionou Raven.

– É óbvio que não.

*Meu Deus.*

– Então por que o escolher em vez de um homem da minha família? – perguntou ela a Welch.

– Porque preciso de alguém que vá manter a senhorita na linha, e outro Moreau não faria isso. Sem alguém de olho na senhorita, quem sabe no que vai dar.

Raven não gostou nada daquilo.

– O pai dele já traiu minha família duas vezes. Como vou trabalhar com alguém em quem não confio?

– Falou a mulher que ganha a vida dando golpes nas pessoas – retrucou Braxton num tom carregado de sarcasmo.

Raven ergueu o queixo de modo desafiador. Eles se enfrentaram pelo olhar.

– Por que a senhorita não tenta recuperar a cópia de outro modo? – perguntou Hazel.

– Não achamos um jeito de entrar na casa. O documento está de posse de Aubrey Stipe, um senador democrata da Carolina do Sul, como falei há pouco. Ele e a esposa, Helen, foram apoiadores leais da Confederação, e suas crenças não mudaram. Pelos relatórios que recebi, a Sra. Stipe só permite empregados pretos em casa, porque assim pode fingir que ainda possui pessoas escravizadas. É por isso que estamos enviando vocês dois.

Raven estava achando aquele plano cada vez mais desagradável.

– Como sabem que ele ainda está com a cópia? – perguntou Braxton Steele.

– Sinceramente, não temos certeza. A dona original herdou a cópia do avô. Parece que a declaração foi impressa e distribuída para o público naquela época. No ano passado, a neta viu o retrato de Stipe em um jornal e o reconheceu como um dos homens na unidade rebelde que saqueou a casa dela em Richmond e roubou o pergaminho e outros itens durante a guerra. Ela viajou até o escritório dele em Colúmbia para pedir que o devolvesse. Ele riu na cara dela. Disse que era um espólio de guerra e que negaria até mesmo ter tido aquela conversa. Depois da visita, ela escreveu ao Sr. Pinkerton e propôs doar o documento ao país caso ele fosse recuperado. Um de nossos agentes se encontrou com Stipe, mas ele negou saber qualquer coisa do roubo.

– E mesmo assim a senhorita não ameaçou a liberdade dele – apontou Raven.

Welch ficou indignada.

– Ele é uma autoridade eleita.

– E não está sujeito a chantagens banais como nós, pobres pretos.

Welch endureceu o olhar. Raven não demonstrou remorso.

– Posso colocá-la de volta na prisão, Srta. Moreau.

– Vá em frente. Boa sorte ao procurar outra pessoa para o trabalho.

Após a terrível experiência que tivera numa prisão de Detroit, Raven

jurara nunca mais ser presa. Mas a hipocrisia de Welch precisava ser apontada, com ou sem prisão.

– Talvez eu estivesse sendo mais cooperativa se a senhorita tivesse simplesmente pedido ajuda em vez de ameaçar nossa liberdade só porque acredita que tem autoridade para isso.

Será que Welch sabia da violência que assolava a Carolina do Sul naqueles dias, ou ao menos se importava com isso? Os assassinatos pela cor da pele tinham se tornado algo tão estabelecido que um dos últimos atos oficiais do presidente Grant fora enviar tropas federais para combater o terrorismo.

Welch contraiu os lábios, e o jeito como encarou Raven demonstrava que nem havia considerado pedir ajuda; tinha decidido simplesmente exercer seu poder. Se Raven já não confiava nela antes, confiava muito menos depois disso.

– Podemos voltar ao assunto em questão? – pediu Welch.

Raven indicou com um gesto que ela continuasse.

– A senhorita e o Sr. Steele serão os Millers. Lovey e Evan.

Raven olhou para Steele. Ele não esboçou reação. Ela manteve o temperamento turbulento escondido sob a máscara.

– A governanta e o motorista atuais são casados. Alguns dias atrás, o marido recebeu uma carta, supostamente da família no Texas, mas enviada pelo meu escritório, dizendo que sua mãe estava à beira da morte. Ele e a esposa estão se preparando para partir, se já não foram. Há uma agente da Pinkerton em Charleston que está lá há seis meses trabalhando em outra investigação e se insinuou no círculo de amigos de Helen Stipe. Ela vai indicar vocês como substitutos e alegar que a senhorita trabalhava para mim, a irmã dela na Virginia. Ela dirá à Sra. Stipe que vocês pretendem se mudar para Charleston e precisam de emprego. Serão muito bem recomendados.

Raven achou aquela explicação bastante simples, mas se perguntou o que a outra detetive estava investigando.

– Por que a Sra. Stipe não contrata alguém local para substituir os dois?

– Ela é bem conhecida por pagar mal. Dizem que o outro casal só continuou trabalhando na casa porque tinham sido escravizados por ela antes da guerra.

– Até que ponto vamos interagir com essa outra agente? – perguntou o Steele mais jovem.

– Praticamente não vão. A missão dela lá está chegando ao fim e ela

supostamente sairá de Charleston para visitar a família no País de Gales. Como irmã dela, em algum momento vou me juntar a ela lá, mas acompanharei vocês até Charleston para garantir que cheguem em segurança e amarrar as pontas soltas da venda da casa dela.

Raven não gostou de saber que ela viajaria com eles, simplesmente porque não gostava nem um pouco daquela mulher.

– Qual é o tamanho dessa casa? Fica em Charleston ou fora da cidade?

– Fica em Charleston mesmo. Tem dois andares, e os aposentos dos empregados ficam atrás da residência.

Raven guardou aquela informação.

– Os Stipes têm filhos?

– Não têm.

– Nós nos casamos por amor ou arranjo? – perguntou Braxton Steele.

– E que importância tem isso? – indagou Raven, considerando a pergunta esquisita.

– É que essa circunstância pode determinar como interagimos um com o outro.

– Por amor – respondeu Welch.

A expressão presunçosa dela fez Raven querer jogá-la em um pântano cheio de jacarés. *Por amor, uma ova!*

– Posso ser qualquer pessoa que o papel exija que eu seja, Sr. Steele.

Ela presumiu que as mulheres se atiravam aos pés dele, por sua beleza barbuda. Esperava que ele não achasse que a Sra. Lovey Miller fosse fazer o mesmo quando estivessem sozinhos.

– Tenho certeza de que a senhorita vai se sair bem – disse ele.

– Com certeza vai – acrescentou Welch. – Ela acabou de se gabar das habilidades da família. Não foi?

Raven lançou um olhar fulminante para Welch, que rebateu com uma expressão satisfeita.

– Quando partimos para Charleston e como vamos viajar?

– De trem, assim que meus oficiais enviarem os bilhetes por telegrama, o que pode acontecer hoje à noite mesmo. Então use o tempo que tem até lá para conhecer o Sr. Steele.

Aparentemente confiante de que tinha dado a última palavra, Welch enrolou o pergaminho, guardou-o e se levantou.

– Há um prazo para esta operação? – perguntou Raven.

– Espero resultados assim que possível, já que você é tão talentosa, Srta. Moreau. Não se esqueça de que sua liberdade, assim como a de todos nesta sala, depende do seu sucesso.

Bem ali, naquele momento, Raven decidiu que faria Welch pagar de algum jeito por sua arrogância autoritária. Não sabia como nem quando – mas ela pagaria.

– Foi um prazer conhecer todos vocês – disse Welch, sem se importar com o fato de todos saberem que era mentira. – Eu sei onde fica a saída.

Raven a acompanhou e observou da porta quando Welch subiu na caruagem e partiu.

Quando ela voltou à sala de visitas, Hazel questionou:

– Ela já foi?

– Já.

– Harrison, você ainda desenha?

– Sim.

– Quanto tempo levaria para fazer alguns retratos dela?

– Se você me ajudar com seu olhar perspicaz nos pormenores, talvez uma hora.

– Me bajular não vai levá-lo a lugar nenhum. Ainda estou furiosa, não se esqueça.

– Não esqueci. Mas estou ansioso para acalmar esse temperamento. Por que quer o retrato dela?

– Para que meu povo possa mostrar o rosto dela pela cidade. Quero saber tudo sobre essa mulher. Onde está hospedada, com quem conversa, onde e o que come. Tudo. Ela vir aqui e nos ameaçar assim...

– Estou com o meu kit. Só preciso de um lugar para trabalhar.

Hazel se levantou.

– Está bem, venha comigo. Raven e Braxton, usem esse tempo para se conhecerem melhor. Seus papéis são o segredo para isso dar certo. Vou mandar recado para os membros da família que acho que podem ser úteis e pedir que nos encontrem aqui mais tarde. Quando esse esquema acabar, Welch vai se arrepende do dia em que ficou sabendo que os Moreaux existiam.

Hazel e Harrison saíram, deixando Raven sozinha com o homem que em breve chamaria de marido.

## CONHEÇA OS LIVROS DE BEVERLY JENKINS

### MULHERES PIONEIRAS

Ventos de mudança

Tempestade selvagem

Brisa rebelde

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

